



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O NOVO OPERARIADO BRASILEIRO: POLÍTICA E CONFLITOS DE CLASSE

Cristiano Ferraz
(UESB)

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa sobre um segmento do novo operariado brasileiro no Estado da Bahia, com destaque para suas experiências de organização e de lutas.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo, Trabalhadores, Novo operariado brasileiro, Bahia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa aspectos da experiência de organização política e sindical dos trabalhadores da Azaléia Calçados no município de Itapetinga e Região. Tais trabalhadores integram uma nova geração operária, que surge no país a partir dos anos 90 do Século XX e sobre a qual se registram ainda poucos estudos. Com o objetivo de contribuir para sanar esta lacuna, apresentaremos aqui os resultados de um estudo realizado sobre operários calçadistas no Estado da Bahia, a partir da instalação da Azaléia Calçados no Sudoeste do Estado em finais na segunda metade dos anos 90. Apresentaremos aqui uma análise desse processo no

· Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, doutor em Ciência Política pela Unicamp, líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Política e Sociedade – NETPS/CNPq, coordenador da pesquisa Política, Ideologias e Modo de Vida no Processo de Constituição em Classe do Novo Operariado Brasileiro (financiamento interno UESB). E-mail: cf-ferraz@uol.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

estado da Bahia, um contexto específico que, se por um lado possui suas particularidades, por outro lado, apresenta tendências que se expressam em nível nacional e mesmo mundial

Os fenômenos em análise situam-se, portanto, em um contexto mais amplo. Têm origem nas mudanças que se apresentaram no país ao longo dos anos 80 e 90 do século passado, marcados pela reestruturação produtiva, reforma do Estado e refluxo das lutas no movimento sindical. Do ponto de vista histórico, aquele é o momento em que se torna mais evidente no Brasil os limites do padrão de acumulação do capital que equilibrou o sistema entre o II Pós Guerra e os anos 70 do Século XX

O novo operariado brasileiro, do qual fazem parte os trabalhadores da Azaléia Calçados na Bahia, surge no país em um contexto de mudanças no padrão de acumulação do capital, que engendra transformações importantes na organização da produção de mercadorias. A situação de classe daqueles operários demonstra, mais uma vez, a velha tendência do processo de produção capitalista, expressa na ação dos agentes da burguesia organizada que, diante das contradições sistêmicas que impedem a manutenção da taxa de lucro, elaboram novas maneiras de elevação da produtividade do trabalho vivo com vistas a potencializar um nível mais elevado de exploração da mais-valia do trabalhador. A emergência destes segmentos de trabalhadores e as novas plantas industriais que eles operam indicam uma nova fase capitalista (CHESNAIS & DUMENÍL, 2003), inclusive na formação social brasileira, caracteriza pelo predomínio do chamado Padrão de Acumulação Flexível (HARVEY, 2004, p. 115-184).

A mudança é acompanhada por outra tendência histórica no processo de produção capitalista, que é a expansão da sua teia, ocupando novas regiões. No Brasil, isso pode ser ilustrado pela migração de empresas industriais para áreas sem tradição fabril, como se observa no deslocamento de indústrias do Sul e



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Sudeste para o Nordeste do país, bem como na instalação de novas plantas em regiões sem tradição industrial no próprio Sul e Sudeste, além do Centro-Oeste. Com a nova forma de organizar a produção de mercadorias começa a surgir no Brasil um novo operariado, estruturalmente diferente do trabalhador coletivo forjado na tradição fordista de produção e rotinização do trabalho que predominou nas grandes indústrias brasileiras até meados dos anos 80. As novas fábricas incorporam, por exemplo, conceitos de produção e de gestão substantivamente diferentes daqueles observados nas grandes fábricas localizadas no tradicional eixo industrial do Sul e Sudeste, como a Região do ABC, que nos remete a um período da industrialização brasileira, caracterizada, segundo Humprey (HUMPRHEY, 1982, p. 58), por ter grandes empresas nas cidades industriais, e pela concentração de produção entre uma pequena quantidade de firmas de capital estrangeiro. Atualmente as grandes empresas não somente descentralizam a produção para áreas sem tradição industrial em seus ramos de atuação, como também descentralizam a própria produção ao incorporarem de forma terceirizada no processo outras empresas que atuam diretamente no chão-da-fábrica e que se co-responsabilizam com os resultados.

Nesse processo de mudança estrutural no modo de produção, a burguesia organizada em classe procura, mais uma vez, redefinir as bases político-ideológicas e culturais do seu projeto de sociedade, metamorfoseando a sua hegemonia. Essa nova hegemonia produz impactos negativos no modo de vida dos trabalhadores na medida em que aponta para precarização do trabalho e das dimensões políticas e institucionais que se relacionam com essa atividade. A referida hegemonia se manifesta de maneira mais plena onde as suas possibilidades de avanço são mais concretas, como se pode observar, por exemplo, nos territórios em que se instalam as novas fábricas que se organizam a partir do Padrão de Acumulação Flexível. No Estado da Bahia, temos o Complexo Ford em Camaçari e a Azaléia Calçados em



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Itapetinga e Região como símbolos desta tendência. Tais fábricas exemplificam ainda uma tendência histórica sob o capitalismo, que é a tentativa de elevação da subsunção do trabalho pelo capital. Atualmente isto se manifesta na tentativa de constituir um operariado mais adequado às formas pós-fordistas de valorização do capital, com práticas políticas diferenciadas daquelas que se constituíram ao longo de décadas nas regiões industriais mais antigas. Do ponto de vista das determinações estruturais de classe, temos aí um substrato econômico que diferencia na forma e no conteúdo as realidades dos trabalhadores nas indústrias localizadas nas antigas áreas industriais e os trabalhadores das fábricas que se organizam com um referencial de organização da produção distinto.

Tal realidade tende a aprofundar os obstáculos à organização autônoma e classista do movimento operário e a conquistas de direitos sociais substantivos. Isto porque, duas situações integradas compõem este cenário. A primeira é a forma como surge uma nova geração operária no país, caracterizada por sofrer um processo mais intenso de exploração do trabalho, combinado com um patamar mais rebaixado no âmbito dos direitos. A segunda é o recrudescimento das práticas anti-sindicais por parte de governos e patrões nos novos territórios industriais, particularmente contra setores do movimento sindical que se orientam por princípios classistas e de embate com o capital, bem como contra parcelas do próprio novo operariado que se organizam em oposição à exploração a que se encontram submetidos. No entanto, as tentativas de elevação da exploração operária nos novos territórios industriais não se dão necessariamente sem resistência.

A organização sindical dos operários da Azaléia na Bahia inicia-se em 1999-2000, quando registram um sindicato. A entidade nasceu filiada à CUT, com a denominação Sindicato de Trabalhadores de Calçados de Itapetinga e Região – Sindicato de Verdade, sua base concentra-se na Azaléia. O processo foi difícil. A



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

repressão da empresa à iniciativa era tão intensa que os trabalhadores temiam ser vistos em qualquer tipo de reunião que não fosse destinada a atividades de lazer. Temiam ainda serem vistos com outros operários que se colocavam em oposição às práticas da empresa. Mas, apesar de todo o clima de tensão que girava em torno do tema organização sindical, existia também entre os operários a idéia de que era preciso fazer alguma coisa, era que preciso se organizar. Tal idéia começou no “boca-a-boca”, em conversas de boteco, no futebol e reuniões domésticas. A maior dificuldade era realizar a assembléia onde seria produzida a ata de criação da entidade e eleita sua primeira diretoria para, em seguida, dar os passos seguintes junto ao Ministério do Trabalho. Por experiência anterior, os operários já sabiam que qualquer reunião com esse fim resultaria em demissão imediata para os seus participantes e como Itapetinga não era uma cidade grande, ficaria relativamente fácil para a empresa mapear qualquer movimentação “anormal” por parte dos trabalhadores. No entanto, se por um lado, o clima de repressão era intenso, por outro lado, a informação de que alguns colegas estavam se engajando novamente na criação de um sindicato deixava um grande número de operários esperançosos. O ano era 2000 e a iniciativa já havia sido desencadeada, para a empresa descobrir seria uma questão de tempo, não seria possível manter em segredo uma movimentação que crescia entre o conjunto dos operários. Era preciso dar celeridade ao processo. A solução para o problema da assembléia não tardou, foi criativa e se adaptou às circunstâncias: o sindicato começou a ser criado em uma festa dos trabalhadores. Segundo o depoimento de Tenório Lima, um dos fundadores do sindicato, a idéia também era mostrar para os operários que, dessa maneira, empresa poderia ser despistada. Assim, foi feita uma convocatória para a reunião durante a festa do 1º de Maio de 2000, animada por um forrozeiro, no Sindicato dos Bancários. A idéia era de que fosse

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

TL - [...] Uma festa promovida, não pelos trabalhadores da Azaléia, mas pelos sindicatos da cidade, APLB, Sindicato dos Bancários... em comemoração ao Primeiro de Maio! A gente faz uma convocatória e para ter direito [à festa e à assembléia] tem que trazer o crachá. (LIMA, 2008)

Mais de 100 operários da Azaléia compareceram à comemoração, após meia hora de festa os trabalhadores que estavam se articulando para a criação do sindicato baixaram o som e anunciaram que naquele momento se realizaria a assembléia para a criação da entidade. Alguns trabalhadores temeram continuar na atividade em virtude do grande número de pessoas de outras categorias que ali estavam e que poderiam comentar sobre o evento, de modo que assim a direção da empresa pudesse identificá-los mais tarde. Segundo Tenório Lima, as pessoas que estavam mais a frente do processo, e que se apresentaram como candidatos a primeira chapa do sindicato, convenceram os colegas a permanecerem para a assembléia com o argumento de que

TL - [...] “O nome de ninguém ia vazar, a gente vai pegar tudo isso aqui, as atas etc, e tudo vai o Ministério do Trabalho, vai para Brasília, eles [prepostos da empresa] não vão ter acesso a isso, a única coisa que iam saber era do edital, que vai sair no Diário Oficial da União, com o nome não de vocês, mas como os nossos nomes, os nomes de quem vai fazer parte da diretoria”, [...] mas, muitos saíram [da assembléia] com medo. (LIMA, 2008)

De fato, a iniciativa só foi revelada cerca de quatro meses depois, quando saiu o registro sindical da entidade. Na ocasião toda a direção provisória do sindicato foi à diretoria da empresa levar o Diário Oficial com a publicação do registro sindical. Indagado sobre a reação da empresa, um dos fundadores do sindicato relatou:

TL - Rapaz... foi de susto, foi engraçado. No primeiro momento eles não quiseram nos atender, não nos atenderam, a gente estava com o pessoal do PCdoB e eles disseram que não aceitariam conversar com ninguém de fora, com o pessoal do PCdoB,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

disseram que só conversariam conosco, só com os próprios funcionários, só com o pessoal que estava lá como diretor sindical, com o pessoal do PCdoB eles não queriam conversa. E assim foi feito, e a gente não foi para o setor administrativo, fomos para um galpão um galpão que servia de depósito, onde estavam todos os gerentes, inclusive um gerente geral da produção, um “alemãozão” do Rio Grande do Sul, todos os gerentes! Eles fizeram um círculo e nós nos sentamos nesse círculo. [...] Na fábrica, esse “alemãozão” tinha o costume de falar em alemão com outros gerentes gaúchos quando o peão estava perto, para o peão não entender o que eles falavam. Falava em alemão mesmo! Os cabeças eram esse “alemãozão” e outro gerente sergipano que veio de uma fábrica da Paraíba. (LIMA, 2008).

O diálogo inicial foi aparentemente amigável, embora a gerência tentasse cooptar a nova diretoria. O discurso era “venham para o meu lado, pois, do meu lado vocês vão ganhar... Contra mim vocês vão se danar” (Transcrição de entrevista, 2008). Com o passar do tempo, a empresa passou a ser mais clara em suas intenções, conforme demonstra o relato de um dos fundadores do sindicato sobre um dos diversos diálogos que teve com um dos gerentes da empresa:

TL – O discurso [do gerente] era de que “você é um cara capaz, você é o cara inteligente... fica se misturando com isso rapaz... venha para o meu lado...”. Aí contava aquela história dele de que começou limpando privada, depois foi para linha de produção, depois virou multiplicador, que virou gerente e que hoje é um homem de não sei quantos mil reais, com casa não sei aonde etc, etc... tinha um discurso salvacionista, de que se eu seguisse os passos dele, por seu “uma pessoa inteligente, que se destacava no meio da multidão”, que eu ia me dar bem. (LIMA, 2008).

No diálogo inicial com a diretoria do sindicato a empresa sempre se referia ao sindicato do Sul como um modelo de boas relações com a Azaléia:

TL – Diziam que lá no Rio grande do Sul, o sindicato tem uma sede maravilhosa para não sei quantos mil funcionários, com quadra

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

poliesportiva, com piscina, consultório odontológico, consultório médico, tudo pago pela Azaléia! Teve uma reunião com Luiz Alberto, que era o administrador da fábrica... Que foi um vacilo meu. Eu tô trabalhando, aí daqui a pouco chega um e fala “ó, Luiz Alberto quer falar com você lá na administração”, o que eu tinha que ter feito era ter chamado o presidente do sindicato, que trabalhava no mesmo pavilhão que eu, e no mínimo eu e o presidente deveríamos ter ido lá. Mas na agonia ali também... Na minha falta de experiência, sei lá... Nesse período eles [gerentes da fábrica] chamavam direto para falar as maiores barbaridades possíveis... Assim, propunham uns absurdos tipo “vocês [da diretoria do sindicato] querem o quê? A gente ajuda vocês... Vamos, digam aí o que vocês querem”, eu fui lá imaginando que era um negócio desses, mas na verdade o que eles queriam mesmo era me comprar com esse discurso de que o sindicato lá [Rio Grande do Sul] era assim e assado etc. Aí eu disse “olha, Sr. Luiz Alberto, a gente prefere trabalhar com o dinheiro dos associados”, aí ele disse “mas vocês só tem cento e poucos associados”, aí eu disse “mas é esse dinheiro que alimenta a nossa estrutura, fazer o quê?”. Ele não ofereceu dinheiro, mas ele se ofereceu para construir uma sede e coisa e tal, ele disse que fizeram e aconteceram com o sindicato lá (no RS) e que queriam fazer a mesma coisa aqui, disse que tinha um terreno ali do lado, dentro da fábrica, disse “a gente tá precisando fazer uma clínica do trabalho aqui e aí a gente constrói lá para vocês, a gente bota do jeito que vocês quiserem, a gente faz uma clínica odontológica lá, coisa de primeiro mundo! Você quer creche? A gente faz uma creche aqui de primeiro mundo”, etc, etc... Nunca eles me disseram, “olha eu vou dar um dinheiro pra você, eu vou comprar você...” “É associação, olhe só... É parceria! [reproduz fala do administrador da fábrica]”. “Eles [os gerentes] falavam em parceria entre o capital e trabalho: “Pra quê que o capital e o trabalho tem que andar separado?!” Aí eu disse: “eu também acho, né? Não tem como, a gente tem que trabalhar...”. Foi a primeira vez que ouvi esse termo na minha vida, capital/trabalho, foi dentro da Azaléia, capital/trabalho... E aí, como eu reneguei, eu disse a ele que minha alma não estava à venda: “você tá querendo me comprar, você tá me achando com cara de besta?!”. Aí os ânimos se afloraram e ele me expulsou da sala dizendo: “Ah! Então volta pra trabalhar!”. Não me xingou não, só faltou me chamar de cabeçudo, mas não me xingou não, mas me expulsou da sala dele aos berros”. (LIMA, 2008).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A diretoria da fábrica chegou a propor trazer o presidente do sindicato do Sul para conversar com a diretoria do sindicato recém criado, mas a nova diretoria do sindicato de Itapetinga recusou a proposta. Isto porque, segundo Tenório Silva, eles tinham informações de que o sindicato do Sul era pelego.

As tentativas de cooptação tiveram fim, nessa primeira fase do sindicato, quando começou a primeira campanha sindical da entidade em torno de uma pauta composta de reivindicações por melhores condições de trabalho, contra os maus tratos dos superiores, contra a extensão da jornada de trabalho e por melhores salários. Naquele momento, o sindicato começou a sofrer não somente pressão da empresa, mas também de setores importantes da comunidade:

TL - A partir desse momento [quando começa a primeira campanha sindical], todas as rádios falavam “poxa, esses caras querem acabar com os empregos da Azaléia”, no lugar que eu ia tomar café todo dia de manhã, as pessoas [da comunidade] me olhavam de cara feira. (LIMA, 2008).

Na fábrica a situação também ficou mais difícil para os operários que se envolviam com a ação sindical:

TL - Logo no início a gente não conseguiu agregar [os trabalhadores]. Tirando aquelas pessoas mais próximas, aquele núcleo mais próximo, os amigos etc, que era mais fácil da gente trabalhar. Eles [os demais operários] reconheciam o sindicato, mas a questão era a seguinte: o medo do peão da Azaléia era de perder o emprego, porque a partir desse momento [da primeira campanha sindical] a empresa começou a fazer o terrorismo, “olhe só, quem se sindicalizar vai ser demitido”, e era! Eles faziam isso mesmo, porque a gente tinha que mandar a lista dos sindicalizados para que eles descontassem [a mensalidade sindical] em folha. Logo no início muita gente se filia, logo depois começaram a ser demitidas, demitidas, demitidas... Se você falasse um “ai” e fosse sindicalizado, era motivo de demissão, eles priorizavam para demissão os sindicalizados, e diziam isso de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

forma bem clara, não era uma coisa velada, os gerentes falavam isso abertamente, quando brigavam com você eles falavam: “vá procurar o sindicato sacana, para você ver, vá lá procurar! Em mando você embora agora e tem quinhentos lá fora querendo entrar para ganhar metade do que você ganha”. E aí o trabalho sindical foi um inferno... (LIMA, 2008).

Este quadro inicial não impediu que os operários da Azaléia iniciassem suas lutas e a primeira greve ocorreu em 2000, quando os trabalhadores paralisaram a fábrica por uma semana. Em 2004 voltaram a paralisar as atividades por 12 dias. Em ambas as greves a pauta se constituía de pontos relacionados à melhoria das condições de trabalho e melhores salários. Até então, em todas as mobilizações daquele segmento do novo operariado brasileiro, houve dura repressão. À ação repressiva contra os trabalhadores somou-se o seu isolamento em relação à comunidade local: em todas as mobilizações e greves a população se voltou contra os sindicatos e contra os trabalhadores. Contribuiu para a ação dos prefeitos, vereadores, empresários e imprensa local que, em sua grande maioria, atuaram como defensores dos interesses da empresa. Na primeira e na segunda greve, empresários do comércio e vereadores organizaram passeatas e chegaram a fechar o comércio da cidade em protesto contra a greve. Em 2004, na segunda greve, duas passeatas foram programadas em Itapetinga, uma dos trabalhadores, organizada pelo sindicato, e outra novamente organizada pelos empresários do comércio, dessa vez incluindo outros segmentos da comunidade local. Em um dado momento as duas passeatas se encontraram em uma das praças do centro da cidade e a agressão física contra os operários tomou o lugar do diálogo e das palavras de ordem. Vários operários saíram machucados, alguns dirigentes do sindicato tiveram que sair da cidade porque foram ameaçados de morte. A polícia militar agiu com truculência e apreendeu a filmadora utilizada pelo sindicato para registrar a mobilização. As rádios e TVs silenciaram sobre o fato e não deram voz



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

aos trabalhadores, como se quisessem ocultar o fato de que em uma de 80.000 habitantes a maior fábrica do interior da Bahia estava paralisada e os trabalhadores se encontravam protestando nas ruas. De acordo com o depoimento de Roberval Medrado de Oliveira, um dos diretores do Sindicato em 2007 (OLIVEIRA, 2007), até aquele momento alguns membros do sindicato sofriam ameaças por parte de policiais. Segundo ele, em três ocasiões teve “sair que fugido da cidade para não morrer”. Até hoje Oliveira, evita freqüentar as festas públicas na cidade por receio de represálias de policiais.

A repressão sofrida pelos trabalhadores da Azaléia de Itapetinga e região demonstra também um dado evidente: as ações politico-organizativas dos operários e seus frutos. Dentre os operários calçadistas do Nordeste, os trabalhadores da Azaléia na Bahia são os que possuem um maior nível de organização sindical e de ganhos. Além disso, a sua média salarial é maior do que nas outras fábricas calçadistas do estado. As condições de segurança no trabalho também melhoraram muito desde a implantação da empresa, mas, segundo dirigentes do sindicato, ainda continuam ruins. Atualmente a mídia tem dado algum espaço às constantes denúncias do sindicato sobre os acidentes recorrentes que causam mutilação.

No que diz respeito à estrutura do sindicato, a diretoria do sindicato foi ampliada e conta com 22 diretores, sendo que apenas 4 estão afastados para o trabalho sindical. Atualmente, em quase todas as filiais existe um diretor sindical. De acordo com os dados do sindicato, a adesão à entidade também melhorou. Atualmente, nas filiais, em torno de 30% dos operários são sindicalizados. Segundo o sindicato, a filiação só não é maior por conta da rotatividade da mão-de-obra, a empresa demite em média 200 operários por mês e na lista de demissões os sindicalizados têm prioridade. Soma-se a isto a pressão da gerência para conter a adesão ao sindicato, principalmente nas filiais que ficam nas cidades menores. A



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

preocupação atual do sindicato é a compra recente da Azaléia pela Vulcabrás, empresa do grupo Alpargatas. Isto porque, no Nordeste, a Vulcabrás tem um histórico de péssimas relações com os sindicatos e com os trabalhadores. O receio do sindicato é de que a Vulcabrás implante na Azaléia uma política ainda mais dura com relação aos trabalhadores e à entidade, as mudanças já começaram.

Outro dado importante é a relação do sindicato com a comunidade, que também melhorou. E preciso dizer que isto ocorreu mais em virtude da comunidade ter contato com a real condição de trabalho dos operários do que a um processo de reversão da mentalidade anti-sindical na Região. Além disso, os casos de esgotamento, de depressão e as mutilações são cada vez mais conhecidos.

Em síntese, do ponto dos seus instrumentos político-organizativos e das condições de trabalho, os trabalhadores da Azaléia conquistaram uma condição “menos pior” – como eles dizem – do que os demais operários do setor na Bahia e nos outros estados do Nordeste. Mas, ainda assim, a empresa continua conhecida entre comunidade e trabalhadores de Itapetinga e Região como “Senzaléia” (senzala + Azaléia)

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Governo do Estado da Bahia. **Estatística dos Municípios Baianos**. [CD-ROM]. Salvador-BA: Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia; SEI, 2001. Configuração mínima recomendada: Petium 166, 32 MB.
- _____. Governo do Estado da Bahia. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia; Superintendência de Vigilância e Proteção da Saúde; Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador. **Documento Técnico nº 32/2000**. Mapeamento Preliminar de Riscos da Empresa azaléia Calçados Nordeste S/A. Salvador, janeiro de 2001.
- CHESNAIS, François; DUMÉNIL, Gerard. et al. **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

FERRAZ, Cristiano L. **O Novo Operariado Brasileiro**: um estudo a partir de dois segmentos de trabalhadores. Tese de Doutorado em Ciência Política. Campinas: UNICAMP, 2008.

RIBEIRO, Perla. Acidente Gera Denúncia de Falta de Segurança. **Correio da Bahia**, Salvador, 29/02/2008.

OLIVEIRA, Robervaldo M. [14-05-2007]. Itapetinga-Ba. **Transcrição de Entrevista**. Entrevista Concedida a Cristiano Ferraz.

LIMA, Tenório. [30-06-2008]. Vitória da Conquista-Ba. **Transcrição de Entrevista**. Entrevista Concedida a Cristiano Ferraz.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 13. ed. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2004.

HUMPHREY, Jonh. **Fazendo o Milagre**: Controle Capitalista e Luta Operária na Indústria Automobilística Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1982.